FOME E GEOGRAFIA DO SUBDESENVOLVIMENTO: A ATUALIDADE DE YVES LACOSTE

Daiane Cristina Pereira Dionizio
Leticia Ferreira Braga8

Resumo: Este artigo tem como objetivo comparar a problemática da fome nos países latino-americanos subdesenvolvidos nas abordagens de Josué de Castro, Yves Lacoste e Michel Chossudovsky com o objetivo de apontar a permanência da fome e das dificuldades estruturais nestes países e a atualidade do pensamento de Lacoste. Este autor produziu sua obra na década de 70 e refletiu sobre a dura realidade dos países chamados subdesenvolvidos e o fenômeno da fome, explicada pelas desigualdades estruturais entre as nações, o que permanece existindo até os dias de hoje. Fruto da dependência política de muitos países subdesenvolvidos e de situações econômicas e sociais bastante diversas, a questão da insuficiência alimentar, que perdura e aumenta a cada dia, tem levado muitos estudiosos a reconsiderar tal trajetória. Destarte, explanaremos as dissertações dos referidos autores sobre a fome advinda da pobreza; dos obstáculos encontrados pelos países em desenvolvimento quanto à produção alimentar, sendo que, em sua maioria, são detentores de recursos naturais e de grande extensão territorial, ou seja, grande potencial agrícola; a relação entre a indústria e a fome; o problema do desperdício; a má distribuição de terras; a falta de técnicas agrícolas entre outras. Assim, a contribuição da geografia do subdesenvolvimento de Lacoste mantém uma atualidade surpreendente.

A obra de Yves Lacoste aborda a problemática do subdesenvolvimento, sendo este um dos principais temas de sua extensa produção geográfica. Na sua abordagem dos países subdesenvolvidos ele analisa, entre outras coisas, o problema da fome. A questão da fome foi analisada anteriormente por Josué de Castro, o que significa que não era, na época de Lacoste, um fenômeno novo. Até os dias de hoje, a fome é um dos grandes problemas mundiais e a obra de Chossudovsky confirma isto. Neste sentido, torna-se interessante apontar a visão de Josué de Castro sobre a fome para depois retomar Lacoste. Para observar a atualidade de Lacoste e suas reflexões sobre subdesenvolvimento e fome, um autor contemporâneo como Chossudovsky, fornece rico material para uma análise comparativa que permite apontar a atualidade de Lacoste. Os dados sobre a realidade contemporânea, além dos que estão presentes na obra de Chossudovsky,

8 Universidade Estadual de Goiás- UEG
daianedionizio@bol.com.br

também serão utilizados no sentido de observar o fenômeno da fome e da desigualdade internacional na contemporaneidade, o que reforça nossa tese da atualidade de Lacoste. Este será o procedimento adotado no presente texto.

A fome é um fenômeno mundial e que acompanha a história do capitalismo, atingindo principalmente o "elo mais frágil" do sistema capitalista mundial. O processo histórico capitalista é marcado por fases ou "momentos" diferentes nas relações entre os países considerados "desenvolvidos" e os considerados "subdesenvolvidos". O momento colonial — sob a égide portuguesa e espanhola— influenciou no processo de formação política, econômica e social, sendo o responsável pelo advento dos grandes entraves e dificuldades dos países latinos. E o momento imperialista—aos cuidados dos norte-americanos e europeus em geral— com o uso intenso e alheio do termo "subdesenvolvido" camufla o verdadeiro intento sobre tais países.

Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela (na América do Sul), Costa Rica, Cuba, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Porto Rico (o único país não independente— dos Estados Unidos da América) e República Dominicana (na América Central); a América Latina subdesenvolvida enfim, é constituída de distintas e particulares diversidades culturais, políticas, econômicas, sociais, naturais e históricas.

Neste contexto, emerge a problemática da fome nos países chamados "subdesenvolvidos". Esta problemática foi enfrentada de frente por Josué de Castro, um dos pioneiros na análise sistemática deste fenômeno; foi retomada no âmbito da análise geográfica por Yves Lacoste e hoje é retomada por Chossudovsky. Sendo assim, iremos realizar uma breve exposição do pensamento destes autores e no final iremos realizar uma comparação entre eles e trazer dados atualizados sobre o tema em questão e assim buscar apontar a atualidade da análise geográfica do subdesenvolvimento de Yves Lacoste.

I- A problemática da fome em Josué de Castro

Josué de Castro[1] baseou-se na estrutura econômica do sistema colonial para caracterizar a origem do subdesenvolvimento.

"A fome era consequência da exploração monocultural da terra, cujo cultivo tinha sido finalizado, não à satisfação das necessidades alimentares das populações locais, mas à

leticiafbraga@bol.com.br

1 Josué de Castro era médico, mas sua obra tinha alcance geográfico e mesmo sociológico e historiográfico. Tal como coloca Mayer em prefácio ao seu livro Geografia da Fome: "o Prof. Josué de Castro (...) não é (...) apenas um homem de laboratório – um conceituado fisiólogo. É também um geógrafo, um pesquisador, um historiador. E os resultados que conseguiu através dos métodos de indagação de disciplinas tão diferentes foram por ele ordenados filosoficamente" (Mayer, A. Prefácio. In: Castro, Josué de.Geografia da Fome. Vol. 1. 8ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1963).

economia da exportação e do máximo lucro. Daí a persistência das doenças endêmicas, da carência alimentar, o enfraquecimento do capital humano e o acelerado crescimento demográfico" [2]

O desequilíbrio econômico no mundo é marcado pelos grandes desníveis existentes entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos: já na década de sessenta "(...) os 19 países mais ricos, contendo apenas 16% da população do mundo usufruem mais de 70% da renda mundial. Em contraste, os 15 países mais pobres onde vivem mais de 50% do efetivo humano, têm menos de 10% da renda mundial." [3] Essa má distribuição das riquezas do mundo revela a miséria das regiões latino- americanas subdesenvolvidas, sendo a fome sua face mais marcante. Josué de Castro estudava os "(...) problemas da fome (...) endêmica, que mata— dia após dia— pelas carências quantitativas e qualitativas de alimentação, que ele considerava "a mais trágica manifestação de subdesenvolvimento econômico." [4]

Em 1963, DE CASTRO e outros estudiosos, na tentativa de instigar uma atitude dos países desenvolvidos acerca da pobreza e da fome dos países subdesenvolvidos, lançaram um Manifesto por *la proclamation du droit de manger*

à sa faim. Nesse documento era afirmado que "o primeiro dos direitos do homem é o de ser libertado da fome e se espera, do plano nacional e internacional, um esforço imediato e vigoroso que associe os povos e os governos." [5]; denunciando o desperdício de divisas com armamentos, reivindicando medidas eliminatórias da fome para que finalmente fosse exaltado o que de melhor existe no homem.

O latifúndio persistia apesar dos investimentos em crédito rural e da distribuição quantitativa e qualitativa da alimentação. O desenvolvimento de um país encontra- se barrado quando percebe- se a predominância dos grandes latifúndios em seu território; ainda em 1967: " (...) os 8 por cento dos proprietários possuem os 75 por cento dos terrenos; onde mais da metade dos proprietários agrícolas supera os quinhentos hectares ; e onde, dentre doze milhões de trabalhadores rurais, dez milhões não possuem terra." [6]

O processo de reforma agrária não consiste simplesmente em redistribuir as terras, camuflado em programas assistenciais, educativos e sanitários. É também rever as estruturas e contratos agrícolas dando novamente à terra sua função social, em âmbito

2 DE CASTRO, Josué apud DI TARANTO,1993, p. 17
3 DE CASTRO, Josué. Geopolítica da Fome, p. 529.
4 DE CASTRO, Josué apud DI TARANTO,1993, p. 11
5 Manifeste, Assemblée spécial pour la proclamation du droit de manger à as faim, Roma, 14 de março de 1963
6 DE CASTRO, Josué apud DI TARANTO, 1993, p. 23

coletivo, para que se possa ter a diversificação alimentar em condições de suprimir a fome endêmica.

A fome foi manipulada desde o século XVIII com os enciclopedistas e filósofos idealistas para, com a Igreja tornar-se um tabu (impedimento moral). Na medida em que considerava a fome um instinto passível de domínio através de orações. A fome vem sendo escondida pelas elites dominantes para que não venha de encontro com seus falsos valores conquistados com o colonialismo e imperialismo econômico.

De Castro entende que faz- se necessária uma mudança global da estratégia do desenvolvimento, levando em consideração a desigualdade econômica entre as classes sociais. Os países ricos industrializados vêm se redimindo, senão ausentando, da responsabilidade de contribuir para uma melhor distribuição da renda mundial. Vê-se, conseqüentemente, somente o aumento da deterioração da condição alimentar.

O etnocentrismo ocidental, na tentativa de impor um só modelo econômico (o seu), não respeita as estruturas sociais e as diferenças humanas, culturais e regionais. Esse modelo que, em última análise, propõem o não crescimento dos países subdesenvolvidos necessita de revisão, pois vem privando os pobres de desenvolver- se. Convém, então, ratificar o equívoco egoísta dos neomalthusianos quando afirmam "(...) que o mundo vive em estado de carestia... porque os homens não controlam o nascimento..., fazem cair a responsabilidade da fome sobre os mesmos famintos." [7]

A América Latina é tida por De Castro como uma das zonas da geografia da fome, em constante ameaça de revolução pela Direita ou Esquerda— seu povo tenta inserir-se na política, pois na economia estão sempre ausentes. Uma das violências predominantes na América Latina é a dos marginalizados, famintos e oprimidos, dirigida por forças revolucionárias, as quais têm o apoio dos pobres. Desejam "a mudança" para a sobrevivência da população, porém são sempre reprimidos pela minoria privilegiada (colonialismo interno), que encontra apoio nos Estados Unidos da América e em grupos financeiros, deixando- os incapacitados para tal. De Castro acredita que a situação da fome somente se reverterá quando os ocidentais tiverem em mente que não é preciso uns perderem tudo para que outros ganhem tudo.

II- A problemática da fome em Yves Lacoste

Yves Lacoste entende que não se pode determinar nenhum critério básico para classificar o subdesenvolvimento, pois seria ineficaz à realidade; assim, impede-se a imutável dicotomia "desenvolvido" *versus* "subdesenvolvido". Os países latino-americanos não são subdesenvolvidos por faltar asfalto nas rodovias, ou meios de transportes. Também

[7] DE CASTRO, Josué *apud* DI TARANTO,1993, p. 97

grosseiramente não podem ter como avaliação de crescimento o aumento do PNB e PIB *per capita*, pois é falha a distribuição da renda entre as classes sociais, há tempos essas já denotam seletividade. A industrialização nos países latino-americanos já é uma realidade crescente com a presença de multinacionais e transnacionais, além do incentivo às nacionais voltadas ao mercado internacional; portanto não se trata de um parâmetro confiável de classificação de desenvolvimento.

Se para cada um dos "diferentes pontos, todos negativos, se procura o correspondente aos "países desenvolvidos", chega-se à caracterização de uma situação muito *idílica*, que estaria isenta de toda contradição" [8]; por isso os "critérios" e "sintomas" de subdesenvolvimento são uma imposição insuficiente e que divide o mundo numa dupla situação oposta e, como já dita, imutável. LACOSTE acrescenta que a situação do "subdesenvolvimento" é muito mais complexa do que o fenômeno colonial.

O subdesenvolvimento é um dos geradores das extremas desigualdades sociais, as quais resultam no conjunto de problemas da fome nos países latino-americanos. Desigualdades essas que tornam perceptíveis uma disparidade entre 10 bilhões de homens com insuficiência alimentar qualitativa— a carência de nutrientes alimentares no indivíduo (proteínas animais, vitaminas, sais minerais, etc.)— e uma minoria com alimentação quantitativa abundante, porém sem as devidas riquezas protéicas.

O termo quantitativo orienta-se de acordo com o "crescimento quantitativo" da mineração e agricultura exportadoras, apoiado nas leis do mercado estrangeiro. O privilégio de comer muito nem sempre significa comer com qualidade. Já o termo qualitativo é fruto da falta de "desenvolvimento" agrícola e industrial voltados para o mercado interno.

A fome e as conseqüências de uma subalimentação mostram "(...) que a carência em proteínas tem efeitos particularmente graves e irreversíveis nos bebês no domínio do cérebro, reduzindo o número das células da matéria cinzenta e limitando para sempre sua capacidade mental." [9]

LACOSTE expõe que a agricultura nos países latino-americanos é deficiente desde o uso indevido do solo até a produção em si. As dificuldades naturais do solo, as erosões, os empobrecimentos, as irrigações deficitárias entravadas pela falta de condição por parte do campesinato em adquirir equipamentos e técnicas apropriadas para a reversão deste quadro ("Revolução Verde"), reduzem as condições do seu uso. A falta de recursos financeiros dos pequenos agricultores para investir em equipamentos, somada à debilidade física dos cultivadores subalimentados e à possibilidade de ver sua produção confiscada pelos grandes proprietários tornam a tão desejada produção agrícola inviável. Os grandes

8 LACOSTE, Yves. Os Países Subdesenvolvidos, p.14

latifúndios oriundos da herança dos colonizadores, ou de anexação de territórios menores por dívida (de impostos, por exemplo), ou por falta de condições do pequeno proprietário de continuar o cultivo da terra são uma outra marca: na década de setenta

"Na América Latina, 1,5% dos proprietários fundiários possuem 50% das terras agrícolas (por exemplo, no Brasil 3,4% dos proprietários dispõem de 62% do solo e 51 % dos que cultivam possuem apenas 3,4% da terra; na Colômbia, 0,9% dos proprietários detêm 40% das terras etc.)." [10]

A reforma agrária feita em alguns países da América Latina beneficiou uma minoria privilegiada e latifundiária, ficando aquém os pequenos agricultores e/ ou sem-terras; dando continuidade, assim, à miséria desses ruralistas.

A todos esses fatores citados, como no caso do agricultor que deixa sua terra (impossibilitado de cultivá-la; ou, então, torna-se meeiro ou diarista) em busca de novas condições de vida e alimentação, é na miséria que a fome se evidencia. Não é uma questão só de produção agrícola, mas também da falta de recursos financeiros para obtenção de alimentos básicos.

A industrialização nos países latinos em desenvolvimento é financiada (subordinação econômica) pelos capitais estrangeiros, devido ao fato de deterem o recurso financeiro e a tecnologia. Tais empréstimos gerarão um saldo devedor para a União, a qual ficará sem condições de investir na área social— aí estão a geração de empregos, o combate à fome, o saneamento básico entre outros.

A concentração de renda existente num país como o Brasil demonstra e interfere diretamente no poder de obtenção das necessidades vitais básicas, tais como os alimentos. Mostra, então, que há uma imensa parcela da população que não consegue suprir em alimentos as quantidades energéticas diárias necessárias ao organismo.

"Em 1970, em um país de 100 milhões de habitantes, como o Brasil, cujo PIB é em média de $400 por cabeça, 5% da população dispõem do terço da renda nacional, ou seja, uma renda de $2700 por cabeça para essa minoria de 5 milhões de pessoas. Essas formam um mercado da mesma ordem de grandeza que o da Suécia." [11]

A miséria de muitos trabalhadores que sofrem com a causa da fome interliga- se ao complexo da industrialização. Esses trabalhadores que em geral encontram- se inativos economicamente (sobrevivendo do subemprego e muitas vezes permanecem

9 Ibidem, p. 21
10 Ibidem, p. 14
11 Ibidem, p. 78

desempregados) são recrutados pelas grandes empresas por oferecerem uma mão- de- obra barata e extremamente "eficaz". Ainda assim

"Essa industrialização se efetua sobre bases técnicas modernas, condições para uma produtividade grande; emprega relativamente pouca mão- de- obra, enquanto provoca o fechamento de grande número de pequenas fábricas e oficinas artesanais." [12]

E esses interesses internacionais estão associados cada vez mais aos capitalistas autóctones e ao Estado, em função da imensa mais valia que se obtém com tal dinâmica. As benfeitorias, de todo tipo e inclusive as alimentícias, que poderiam estar sendo feitas pelas referidas multinacionais (e também pelo governo nacional) ficam alheias. Os trabalhadores continuam impossibilitados de reverterem a situação da insuficiência alimentar porque não é esse o foco de interesse das multinacionais que nos países Latinos Americanos se instalam; mais ainda, quão longe é pensar na oportunidade dos proletários obterem aquilo que é produzido por eles mesmos.

Dada a limitação da economia "moderna" em empregar a mão- de- obra, seja no campo ou na cidade, aumenta- se o subemprego. A mecanização substituiu o trabalho braçal de vários homens e esses tendem a se subempregar, geralmente provisoriamente, em trabalhos da construção civil, da informalidade; como diaristas agrícolas e camelôs etc. Há um aumento do número do trabalho infantil, de favelados e camponeses sem- terra; há uma sensível queda salarial e do poder de compra no mercado interno. Todos são indiscutivelmente desintegrados da economia formal, não participam do sistema econômico e ficam à margem do consumo alimentar. "(...) o agravamento do desemprego é verdadeiramente a manifestação mais evidente e mais monstruosa de uma contradição fundamental." [13]

No atual sistema econômico o número de miseráveis, doentes e as populações subalimentadas, tal como coloca Lacoste, em 1970, vem crescendo consideravelmente, e se o ritmo do crescimento econômico, do referido tipo de sistema, continuar insuficiente, num futuro próximo estará extremamente atrasado. É incabível as leis de mercado continuarem determinando o destino das culturas comerciais, prejudicando as produções alimentícias de subsistência.

A formação das novas necessidades foi incrementada a outras, tornando- se interdependentes: a necessidade alimentar está para aquela que nas cidades as pessoas se privam de comer, em virtude da aquisição de uma roupa nova para que não se vejam marginalizadas e se oportunize ao encontro de um trabalho— e, assim, venha a satisfazer a sua necessidade alimentar.

A populações pobres do campo e da cidade que antes viviam coletivamente, assegurando a subsistência do grupo, hoje "responsabilizam- se" individualmente, não há mais o amparo do outro e/ ou do grupo. Cada um "(...) quase todas as manhãs, não sabe se irá encontrar comida, nem como ganhar alguns níqueis para alimentar seus filhos." [14]

É mais sensato que se reveja o desenvolvimento das contradições do subdesenvolvimento em um nível interno, em cada país, para que se possa associá- lo aos fatores externos, planetários (não só os que remetem ao colonialismo, mas os da evolução atual). É internamente que se percebem as lutas sociais contra o imperialismo, específicas das contradições regionais. Os níveis de análise é que já se articulam nos planos situacionais interno (Estado) e mundial, mas o ímpeto de que "as minorias privilegiadas capitalistas podem ser vencidas, umas após outras, [é] por meio de cada movimento nacional e popular." [15]

III- A problemática da fome em Michel Chossudovsky

A economia nacional (indústria voltada para o mercado interno) e o comércio regional viram-se suprimidos e desmantelados pelo sistema do mercado global, o qual é regido pela economia dos países desenvolvidos. Os padrões de vida mundial, tanto dos países ricos quanto dos pobres, vêm sendo comprimidos cada vez mais desde os anos 30 do século vinte, confirmado pela intensificação da globalização da pobreza no final deste mesmo século.

A pobreza é gerada pela grande mão- de- obra barata e ociosa (desempregada), e não pela "falta" de recursos humanos e materiais.

"Movimentos sociais e organizações populares, agindo solidariamente nos âmbitos nacional e internacional, devem ter por alvo os vários interesses financeiros que se alimentam [do] destrutivo modelo econômico." [16]

É necessária a transformação do sistema econômico global (OMC- Organização Mundial do Comércio e instituições de Bretton Woods) que acumula riqueza privada, e que não dispõe de políticas adequadas à reversão da pobreza e da falta de empregos. A "reapropriação da política monetária" pela sociedade deve se dar ampla e democraticamente para que se concretize a desconcentração da riqueza financeira, atualmente sob o poderio de uma minoria social e dos Bancos Centrais subjugados pelos credores privados, e para que haja a união social entre os países e dentro deles.

---

12 Ibidem, p. 80
[13] *Ibidem*, p. 92
[14] *Ibidem*, p. 109
15 Ibidem, p. 118

As reformas macroeconômicas, reguladoras do processo da acumulação do capital mundial no sistema do "programa de ajuste estrutural", estão interligadas com a "destruição" de países inteiros, pois são patrocinadas pelo FMI – Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e instituições de Bretton Woods. Causam a minimização (controle) dos custos da mão-de-obra, empobrecem a população e diminuem seu poder de compra, e impedem a expansão do capital. Num sistema de superprodução, as corporações internacionais (multinacionais e transnacionais) e as sociedades mercantis expandem seus mercados nos países em desenvolvimento.

Com os patrocínios dos órgãos econômicos internacionais, o impacto social da desvalorização da moeda nos países subdesenvolvidos é amplo. "(...) os preços domésticos de artigos de primeira necessidade, medicamentos essenciais, combustível e serviços públicos aumentam da noite para o dia." [17]

Percebe-se que com a dolarização da moeda a inflação saltava da noite para o dia de um nível alto para um altíssimo, e que com o "programa antiinflacionário" do FMI eram feitas demissões de servidores públicos, cortes nos programas sociais e desindexação dos salários.

Com um número maior de desempregados e um corte de verbas nos programas sociais o poder de compra da população cai— consequentemente decorre a falta de alimentos nutricionais básicos.

As reformas agrárias acompanhadas pelo Banco Mundial oportunizam a titulação da propriedade das terras cultiváveis para fazendeiros latifundiários, concentrando- as num pequeno número de proprietários. A concessão do direito à terra fica prejudicada pois os pequenos produtores rurais perdem- na ou hipotecam- na. O setor de negócios agrários e a classe de trabalhadores rurais sazonais sem terra aumentam significativamente. Mais ainda, a privatização das terras vai ao encontro do interesse do Banco Mundial em controlar as terras da União em prol do pagamento da dívida externa.

As reformas financeiras feitas através do FMI na América Latina e, por exemplo, no Brasil acabam por dispersar e empobrecer a sociedade; são enfraquecidas as estruturas fiscal federal— trazendo " (...) instabilidade dentro das forças armadas, violação rotineira dos direitos humanos fundamentais, violência urbana e rural, um movimento separatista no Sul." [18]—e social. Esta fica à mercê de todas as resoluções internacionais e reprimida de

16 CHOSSUDOVSKY, Michel. A Globalização da Pobreza: Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial, p. 22
17 Ibidem, p. 48
18 Ibidem, p. 48
19 Ibidem, p. 185

qualquer ação na tentativa de manter a soberania do Estado. Em se tratando de projetos específicos como, por exemplo, os do combate à miséria e à fome, ficam sempre a desejar em função de outros interesses que são considerados anteriormente emergenciais a esses.

O Peru é um outro país da América Latina que também sofre o "tratamento de choque" do FMI desde a década de setenta, com o general Morales Bermúdez. Mercadorias de consumo importadas foram introduzidas no mercado por causa do comércio liberal, coincidindo com a queda das receitas de exportação e dos negócios (1981- 82); trazendo crise e queda do PIB e alta da inflação (1982- 83).

A desnutrição infantil aumentou significadamente (1980- 83), o consumo alimentar diminuiu por volta de 25% em relação ao nível de 1975, o salário mínimo também caiu 25% em cinco anos (1980- 85 no governo de Belaúnde)— são só uma amostra da extensão da "engenharia econômica" e

"(...) consequências sociais devastadoras: enquanto um trabalhador do campo das províncias do norte do Peru recebia (em agosto de 1990) US$ 7, 50 por mês (equivalente ao preço de um hambúrguer e um refrigerante), os preços para o consumidor final em Lima eram mais altos que os de Nova York. Os salários reais declinaram cerca de 60% durante agosto de 1990; em meados de 1991 seu nível era 15% menor que em 1974 (um declínio de mais de 85%)." [19]

Já no governo de Alberto Fujimori, o Fujichoque (financiamentos patrocinados pelo FMI) de agosto de 1990 trouxe "ajustes" dos salários (achatamento; tornaram-se até 40 vezes mais baixos que os dos Estados Unidos da América) para "desinflacionar" as taxas, quedas dos investimentos na área social e grandes demissões de funcionário públicos.

Além do retorno das epidemias, tais como a cólera (1991) muito impulsionada pelo aumento do gás de cozinha em trinta vezes e conseqüente falta de condições da população (até mesmo a classe média) de ferver a água e cozinhar os alimentos— em seis meses foram 200 mil casos, sendo 2 mil mortes—; a tuberculose, por causa da desnutrição e falência do programa de imunização do governo (assim como o de toda a infra-estrutura da saúde pública do país); malária, dengue, leishmaniose etc.

O consumo mínimo necessário de calorias e proteínas pela população também decaiu mais de 83% (1991) e a conseqüente desnutrição infantil chegou a 38,5% (a segunda maior da América Latina). A mortalidade infantil também chegou a uma por família.

Ainda assim, Fujimori foi "(...) elogiado pela comunidade financeira internacional por suas políticas econômicas bem-sucedidas." [20]

A economia rural também é marcada pelo programa do FMI, há uma contração na produção agrícola e os pequenos produtores perdem seus produtos no mercado interno para uma vastidão de mercadorias estrangeiras mais baratas. Empobrecidos pela situação, agravada pelos monopólios agroindustriais e devido às medidas econômicas de 1990 (que acarretaram altas nos insumos agrícolas, fertilizantes, combustíveis e créditos rurais) chegam a falência. "Na Sierra, por exemplo, cerca de 800 mil produtores de lã e fibra de alpaca, que estão entre os segmentos de menor renda da população rural, ficaram mais pobres ainda em decorrência do declínio do preço real desses itens em 1990- 1991." [21]

Quando esses pequenos produtores agrícolas não chegavam a falência, perdiam suas terras devido a um incentivo às grandes concentrações— era a Lei de Terras (1991), que estabeleceu a unidade mínima de propriedade em 10 hectares.

Vendendo ou desistindo de suas terras as comunidades camponesas viram-se sem sua única fonte de renda e, empobrecidas se transformaram em mão- de- obra barata na agricultura comercial. Estes fatos são geradores de fome e miséria na medida em que a renda dos trabalhadores rurais (bóias- frias ou diaristas) é muito baixa, não custeando sua moradia, alimentação e até mesmo sua saúde.

Conclusão

Torna- se explícita a problemática da fome nas abordagens de Yves Lacoste, Josué de Castro e Michel Chossudovsky. É interessante perceber que apesar de De Castro e Lacoste terem analisado e exposto, ainda na década de cinquenta e setenta, respectivamente, o subdesenvolvimento no mundo e na América Latina, bem como a fome explicitamente, eles são tão atuais quanto Chossudovsky e, tal como será colocado adiante, os dados comprobatórios de Washington Novaes.

Nos três autores há em comum algumas expressões, conceitos, idéias que refletem os significados da mesma problemática, em momentos históricos diferentes: em Lacoste e De Castro, as expressões fome qualitativa e quantitativa, a complexidade de se pensar o subdesenvolvimento em si; nos três, a designação de minoria privilegiada, a necessidade de uma reforma agrária justa aos pequenos produtores, a idéia de crescimento e desenvolvimento econômico.

Evidenciando a fome em si, seus antecessores e subseqüentes diretos e indiretos, enfatiza-se que muito pouco foi feito em prol da erradicação da fome. É notório

20 Ibidem, p. 194

que o pouco que foi feito nesse sentido através dos governos nacionais e internacionais e instituições financeiras mundiais de imenso poderio o foi de forma paliativa, descontínua, interesseira e incompleta. Especificamente, se restringiam ao meso combate de somente um dos tipos de fome: a aguda— a que " (...) é notícia que gera grandes manchetes." [22]

Em novembro de 1996 aconteceu a reunião da cúpula Mundial da Alimentação, chefes de governo de mais de 180 países assumiram combater a fome e diminuir pela metade os 800 milhões de famintos— entre eles 300 milhões de crianças. Porém, em 2003

"(...) a Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO), da ONU, divulgou seu relatório anual, em que adverte: a fome voltou a crescer no mundo; mais 5 milhões de pessoas se somam a cada ano ao contingente de famintos e subnutridos que já reúne 842 milhões de pessoas; a chance de cumprir a meta de reduzir para a metade, até 2015, a população mundial de famintos, fixada pela cúpula Mundial da Alimentação (2000), está cada vez mais distante (...)." [23]

Confirmando assim, o que Chossudovsky havia dito sobre as consequências das políticas desenfreadas do FMI.

Nos países subdesenvolvidos o crescimento sem a geração de empregos traduz-se por longas horas de trabalho combinado com uma remuneração muito baixa, segundo um relatório do ano de 1996 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Lacoste, De Castro e Chossudovsky mencionaram que no processo industrial que desempregasse a mão-de-obra, esta estaria à disposição de trabalhos pagos a baixos salários.

Deste mesmo relatório é mostrado que a fortuna, em dólares, dos 358 indivíduos multimilionários mundiais é superior à renda anual acumulada pelos 45% dos habitantes mais pobres do planeta. As três abordagens também revelaram a grandiosa desigualdade na distribuição da renda e que a maior parte dela concentra-se nos países ricos.

Finalmente, o programa salientou que o número de pessoas que dispõe de uma renda diária inferior a 1 dólar aumentou aproximadamente em 100 milhões. Dado que mais uma vez explicita e confirma que se há miséria consequentemente haverá fome, assim já haviam dito os autores Yves Lacoste, Josué de Castro e Michel Chossudovsky.

"A fome é, (...) a manifestação mais flagrante da miséria, a expressão das privações que não é possível eludir: admite-se que os homens fiquem nus (é, diz-se, "a tradição"). Que se alojem em cabanas (a primeira vista é "pitoresco"), que sejam doentios (não existe a doença

21 Ibidem, p. 198
22 MADELEY, John. O Comércio da Fome, p. 44
23 NOVAES, Washington. A Década do Impasse: Da Rio- 92 à Rio +10, p. 215

nos países desenvolvidos?), que não tenham trabalho ("certamente não gostam de se cansar") etc., mas não é possível admitir a fome." [24]

"A fome é, conforme tantas vezes tenho afirmado, a expressão biológica de males sociológicos. Está intimamente ligada com as distorções econômicas, a que dei, antes de ninguém, a designação de <<subdesenvolvimento>>". [25]

Eis aí o que tanto foi ratificado no corpo do trabalho como explanação na tentativa de repensar a Geografia dos países latino-americanos subdesenvolvidos. Por conseguinte, conclui- se que a contribuição desses autores é tão atual quanto a complexidade da problemática da fome que insiste em persistir.

Assim, temos que reconhecer que o problema da fome nos países subdesenvolvidos é algo constante, permanente. Trata-se de um problema estrutural, ligado ao processo de produção do subdesenvolvimento e de desigualdade internacional, onde, como coloca Lacoste, há a questão da mão-de-obra barata e exploração internacional. Esta permanência deste problema estrutural permitiu a comparação entre as obras de Josué de Castro, Yves Lacoste e Michel Chossudovsky, pois os três, em épocas diferentes, abordam a desigualdade internacional e o problema da fome que lhe acompanha.

Por fim, resta enfatizar a questão central do presente trabalho, isto é, a atualidade de Yves Lacoste. Lacoste abordou o problema do subdesenvolvimento e da fome na década de 70. Antes dele, Josué de Castro já havia abordado esta problemática. No entanto, Lacoste ofereceu um panorama geral do processo de subdesenvolvimento e analisou a fome sobre este prisma. A fome, enquanto fenômeno mundial, atinge os países considerados subdesenvolvidos e a percepção da existência de determinadas relações internacionais fundadas na desigualdade, que na época de Lacoste recebia o nome de "subdesenvolvimento" em contraste com o "desenvolvimento", é fundamental para realizar a explicação do fenômeno. A problemática da fome é atual e por isto a obra de Lacoste (assim como a de Josué de Castro) também possui atualidade. A desigualdade internacional também é atual e isto mostra, novamente, a atualidade de Lacoste. Os dados da realidade comprovam isto.

No entanto, a atualidade de Lacoste é ainda maior, reside na relação estabelecida por ele entre fome e desigualdade internacional. A permanência da desigualdade internacional é o que proporciona a permanência da fome. A relação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos é marcada pela exploração, e é isto que move a sociedade contemporânea, como se pode ver na obra de Chossudovsky. Lacoste conseguiu

24 LACOSTE, Yves. Geografia do Subdesenvolvimento p. 29
25 DE CASTRO, Josué. Geopolítica da Fome p. 169

perceber este processo e expressá-lo teoricamente. A sua contribuição não se deu apenas no aspecto descritivo, mas também explicativo. Embora tal explicação seja passível de críticas e possa ser considerada insuficiente, ela, indubitavelmente, mantém um momento de verdade que a maioria dos pesquisadores não recusariam. Além disso, a realidade contemporânea possui novos elementos que não se apresentam na obra de Lacoste, o que é inquestionável. Mas também apresenta vários elementos contidos em sua obra e outros que foram aprofundados, intensificados, mas não abolidos. Alguns elementos mudaram, outros permaneceram. No geral, no entanto, a relação estrutural entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos permanece, mesmo que mudando de forma. Assim, a obra de Lacoste é uma obra clássica do pensamento geográfico.

A geografia do subdesenvolvimento de Lacoste mantém uma atualidade inquestionável e neste sentido, precisa ser resgatada e reavaliada, podendo servir de ponto de partida para uma nova geografia das relações internacionais. O presente texto foi uma pequena contribuição para se pensar este processo de resgate da obra de Lacoste, no sentido de abrir caminho para posteriores desdobramentos críticos da geografia na área das relações internacionais.

REFERÊNCIAS

LACOSTE.Yves. Geografia do Subdesenvolvimento. São Paulo: DIFEL, 1985. 334 p.

LACOSTE,Yves. Os Países Subdesenvolvidos. São Paulo: DIFEL, 1985. 119 p.

DE CASTRO, Josué. Geopolítica da Fome. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1959. 552 p.

DI TARANTO, Giuseppe. Sociedade e Subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro. São Paulo: Edições CEJUP, 1993. 165 p.

CHOSSSUDOVSKY, Michel. A Globalização da Pobreza: Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial. São Paulo: Moderna, 1999. 320 p.

NOVAES, Washington. A Década do Impasse: Da Rio- 92 à Rio + 10. São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2002. 382 p.

MADELEY, John. O Comércio da Fome. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003. 231 p.

MAYER, A. Prefácio. In: Castro, Josué de. Geografia da Fome. Vol. 1. 8ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1963.

DE CASTRO, Josué. Geografia da Fome. Vol. 1. 8ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1963.